

Governo aposta em recuperação gradual

por Maurício Corrêa
de Brasília

Três fatores levam o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, a acreditar numa recuperação gradual da economia nos próximos meses: os juros continuam caindo na ponta dos empréstimos; há sinais de melhora nos níveis de inadimplência das pessoas físicas e jurídicas; e os resultados positivos que deverão ocorrer nos setores exportadores e de bens de capital, como fruto de estímulos via incentivos fiscais. Dessa forma, ele trabalha com uma expectativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), em 1996, na faixa de 2,8% a 3%.

Ontem, Mendonça de Barros divulgou o boletim de acompanhamento macroeconômico com informações disponíveis até o dia 20 passado. Conforme afirmou, o comportamento da economia no segundo semestre poderá ser beneficiado pelos eventuais impactos que o setor agrícola produzir sobre a área de bens de capital. Para os técnicos do governo, o restabelecimento dos financiamentos para a agricultura e a securitização das dívidas do setor resultaram em recuperação de renda para os produtores rurais, que deverão transferi-la para outras áreas da economia.

Assim, para o secretário de Política Econômica, qualquer mudança positiva nas vendas de caminhões, máquinas agrícolas e ônibus pode significar pontos importantes na questão da atividade econômica, devido ao peso relativo desses setores de bens de capital que Mendonça de Barros acre-

ditava estar "muito aquém" do potencial de vendas.

Embora cauteloso nos seus comentários, ele deixa transparecer satisfação com algumas linhas do ajuste fiscal. Cita como exemplos os esforços dos estados e municípios, o crescimento da arrecadação do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) – apesar dos níveis de desemprego – e o avanço gradual do programa de privatização. "Reduzir custeio significa reduzir o tamanho da atividade, o que é doloroso e lento fazer. É muito mais do que medir o termômetro a cada mês. É nisso que estamos entrando, e aí está o jogo principal do programa de estabilização", reconheceu.

Mendonça de Barros destacou o caso da Rede Ferroviária Federal, que perdeu 15 mil funcionários. "Primeiro temos de gastar, para depois economizar", assinalou, salientando que o processo de encolhimento do Estado não se traduz apenas por essa lógica aparentemente absurda, mas, também, pela incorporação de experiências que já foram vividas pela iniciativa privada, como os programas de demissões voluntárias (PDVs) e de Qualidade Total.

Ele não acredita num crescimento espetacular no mercado de trabalho como um todo, mas, usa o caso da construção civil como dado para reforçar a tese de um resultado razoável, quando são cruzadas as informações de diversos setores. No ano passado, por exemplo, o consumo de cimento ficou em 28,1 milhões de toneladas e, para este ano, deverá bater na faixa dos 30 milhões de toneladas.